

PIOVEZANI FILHO, Carlos Félix. Política Midiatizada e Mídia Politizada: Fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, Maria do Rosário V. (Org.). *Discurso e mídia: A cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, pág. 49 - 64.

**Lucimara Grando Mesquita**

Lucigrando123456@hotmail.com

O artigo “Política midiatizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade” faz parte do livro “Discurso e mídia: a cultura do espetáculo”, publicado pela Editora Claraluz. Esse livro, que tem como fio condutor as ideias de Guy Debord (2003), foi composto por oito autores, dentre os quais está Carlos Félix Piovezani Filho, responsável pelo artigo sobre o qual vamos nos deter neste texto. Nele, o autor aborda a questão da política e da mídia brasileira, dialogando com os textos de autores renomados como Guy Debord e Jean-Jacques Courtine<sup>1</sup>, esse último presente no volume. A obra está organizada em três partes, quais sejam, “A política como espetáculo”, “A língua como espetáculo” e “A história como espetáculo”.

Piovezani Filho inicia seu artigo fazendo referência à velocidade do fluxo de circulação de mercadorias e ao crescimento da produção como sendo uma característica da pós-modernidade. Nesse sentido, surgem consequências como a aceleração do consumo dentro do mercado da moda, não apenas no que diz respeito ao vestuário, mas ao estilo de vida, bem como a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços. Dessa forma, diz-nos o autor, “Volatividade e efemeridade nos serviços, nas ideias e nos desejos, e instantaneidade e descartabilidade das mercadorias são duas tendências do refinamento nos tempos pós modernos” (PIOVEZANI FILHO, 2003, pág. 51). Ao discorrer sobre as mudanças ocorridas tanto na mídia quanto na política, o autor parte do conceito de “pós-modernidade” de David Harvey, e fala sobre a fragilidade do consumo e da produção voltada para o mercado capitalista, no qual a “imagem”, o “parecer” e “aparecer” é o que realmente têm importância.

Tendo em vista o ideário mobilizado pelo estudioso, observamos claro diálogo com *A Sociedade do Espetáculo* (2003), livro no qual Guy Debord defende que na

---

<sup>1</sup> Prof. Jean-Jacques Courtine | CIAD UFSCar. Disponível em:[http://www.ciad.ufscar.br/?page\\_id=645](http://www.ciad.ufscar.br/?page_id=645). Acesso em: 14 abr. 2017.

contemporaneidade o que prevalece é a questão da visibilidade, ou seja, o ter perde espaço para o parecer.

O livro de Debord (2003) é uma obra manifesto lançada em 1967, período no qual vários conflitos estavam acontecendo na França e repercutiram no mundo todo, culminando no que ficou conhecido como maio de 68. Dessa forma, o livro apresenta-se como um protesto de base marxista contra a mercadoria, a alienação do sujeito e o fazer ver. Para Debord (2003), a mídia hoje transforma as imagens em realidade social fazendo com que as pessoas consumam de uma forma rápida e impensada.

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda a realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual o “ter” efetivo deve extrair o seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela não é (DEBORD, 2003, pág. 18).

Para Piovezani Filho (2003), as mudanças não ocorreram apenas no campo econômico e cultural, elas sucederam também no espaço político. Assim, “a política ‘espetacularizou-se’, inseriu-se, com efeito, nos padrões midiáticos pós modernos” (PIOVEZANI FILHO, 2003, pág. 51). Nesse sentido, segundo o autor, o enfraquecimento do estado teria permitido o deslocamento das mídias do mercado para o campo da política, fenômeno conhecido por “politização da mídia” e que também impulsionou a politização da sociedade civil.

Centrado nas ideias de Debord (2003), Piovezani Filho (2003) afirma que a política e o espetáculo já possuíam, no passado, uma intrínseca relação “simbiótica”, porém na pós modernidade esse processo se intensificou. O autor recorre também a Jean-Jacques Courtine (2003), professor da Universidade da Califórnia que além de ter publicado *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (1981; 2009) e de ter sido um dos organizadores da *História do corpo* (2005-6) e da *História da virilidade* (2011), integrou o grupo de Michel Pêcheux. Piovezani Filho vale-se de suas teorias para explicar a relação da “política do espetáculo” do período medieval com o período moderno, que seria “[...] o deslocamento do “privado”/o ético para o “público”/o político, que remonta às práticas políticas medievais, vem, agora, subsidiado pelo aparato tecnológico pós-moderno”

(Pág. 53). Dessa forma, na sociedade moderna, a política é invadida pelas ações pessoais, ou seja, a vida privada do governante é levada a público como uma cena teatral.

Debord (2003) aborda a noção de espetáculo não como uma ideia nova, pois ela surge inicialmente da metáfora do teatro, como uma grande encenação. Para ele, as relações humanas são como um ritual, uma vez que as relações sociais são sempre encenadas, assim como a política é um grande teatro de encenações. Logo, o espetáculo faz parte da vida do ser humano, pois algumas relações ainda são ritualizadas, têm uma dimensão simbólica e também performática do sentido ao atribuírem determinados papéis para determinadas pessoas. Portanto, podemos observar que Piovezani Filho (2003) retoma as ideias centrais de Debord (2003) ao se referir ao espetáculo, uma vez que ele faz alusão ao exagero em relação ao distanciamento do sujeito, pois este não se sente ligado à encenação que vive. Dessa forma, a crítica que Debord (2003) faz à sociedade da espetacularização volta-se para a questão da industrialização da cultura e da mediatização da vida. De maneira análoga, Piovezani Filho (2003) vai discutir as formas utilizadas pela mídia para influenciar a política dentro da cultura do espetáculo.

Outro ponto discutido no texto é a problemática das alterações no discurso político, pois de acordo com o autor, que reitera as ideias de Courtine (2003), estaríamos diante de uma "nova linguagem política", caracterizada sobretudo pela "brevidade" e "conversação". Quanto à brevidade, ela surge de uma nova verdade dentro da política, na qual aquilo que antes era conhecido como esquerda e direita passa a ser organizado como arcaico e moderno. Já no tocante à "conversação", é a segunda nova forma de linguagem dentro do campo político, que tem como objetivo "construir a imagem do político acessível, sempre próximo e aberto ao diálogo" (PIOVEZANI FILHO, 2003, pág. 56). Podemos observar que se a mídia está politizada, a política está midiaticizada e, por sua vez, espetacularizada.

Partindo dessa perspectiva, podemos observar que a "espetacularização" da política ocasionou a "politização" da mídia, uma vez que o enfraquecimento do estado, que antes fez deslocar as estratégias das mídias, do mercado para o campo político, fomenta também a atuação politizada da sociedade civil. Assim, a mídia tenta desvendar os segredos e as mentiras da política buscando para si uma posição de agente político.

Nessa acepção, a política surge da relação entre quem está sujeito ao poder e aquele que o exerce, constituindo-se através da confiança, da representação e da obediência. No campo político, o "ser/verdade *versus* parecer/mentira-segredo" possibilita à mídia apresentar-se como esclarecedora, ou melhor, como porta-voz dos que estão "aliados do

poder”, de modo que a mídia representa a fala do povo, assumindo duas posições: uma na qual fala em nome do povo e outra, para o povo. Entretanto, conforme alerta o autor, a verdadeira intenção da mídia é a manipulação, ao passo que o povo, impossibilitado de participar efetivamente do campo político, contenta-se em assistir o desenrolar dos fatos através dos meios de comunicação.

Para Debord (2003), entre os elementos do espetáculo está a distinção entre quem apresenta as informações e quem assiste a elas, como em uma encenação, e como toda encenação é uma representação do real, o espetáculo traz junto a separação do real e da sua representação. Sendo assim, as relações entre as pessoas não são autênticas porque são mediadas por imagens, ou seja, são relações de aparência, por isso ele vai falar do espetáculo como meio de dominação, porque não lidamos com a pessoa, e sim com uma representação, situação da qual decorre a alienação. Ainda segundo Debord (2003), o sujeito é um ser completamente alienado, pois aceita tudo passivamente. Piovezani Filho (2003), por sua vez, compreende “a política como teatro: de um lado, no palco, a atuação, a representação (no duplo sentido que ela aí comporta); de outro, na plateia, a passividade espectadora” (Pág. 58).

As ideias dos dois autores são semelhantes na medida em que ambas colocam o telespectador, ou seja, o povo, como um sujeito alienado, passível de dominação, a informação e a comunicação como mercadoria e a mídia como responsável por essa espetacularização. Desse modo, na visão de Piovezani Filho (2003), a mídia divulga os acontecimentos do meio político, o povo absorve o que lhe é apresentado e a espetacularização se dá pela reconfiguração do fato veiculado, que pode ser forjada ou não pela mídia. Um bom exemplo citado por ele é sobre a revista *Veja*, na qual publicou na capa de uma das edições de 2002 a imagem dos políticos que estavam concorrendo a presidência naquele ano. Além das imagens, os textos escritos na chamada de capa e dentro da revista indicam a função que *Veja* se auto atribui, como porta-voz do povo. Porém, a revista fala do e para o povo, ao mesmo tempo em que fala da, para a e contra a classe política. Dessa forma, a dupla condição da revista *Veja* indica “tanto a função de representar (de interceder em favor de) uma dada coletividade quanto a de confrontar-se com os agentes políticos” (PIOVEZANI FILHO, 2003, pág. 61).

Outro ponto a ser observado no texto é a questão da “fome midiática de produzir verdades e a vontade espectadora de comer verdades” (PIOVEZANI FILHO, 2003, pág. 62). A mídia apresenta-se como um agente político oferecendo verdades e segredos, ou seja, manipulando conforme seus interesses, porém, existe o outro lado, o espectador que ansioso

pelo saber interpreta o produto midiático que lhe é oferecido, é isso influenciará na própria mídia.

Portanto, de forma geral, podemos observar que tanto o texto de Piovezani Filho (2003) quanto o de Debord (2003), fazem referência ao espetáculo como um tipo de relação social mediada por imagens, ou seja, pela influência da mídia, no qual através dos meios de comunicação as pessoas deixam de viver a realidade e passam a viver um mundo de aparências. Nesse sentido, o espetáculo reduz as pessoas a uma mercadoria dentro da lógica capitalista voltado para o consumo.

Enfim, esse é um ótimo texto sobre a influência da mídia na política, nos possibilitando refletir sobre a estruturação da nossa realidade sendo manipulada pela mídia. O autor do texto dialoga de forma clara e objetiva com autores renomados como Debord (2003) e Courtine (2003), fazendo um excelente recorte de suas teorias. Porém, apesar de Piovezani Filho (2003) utilizar as teorias de Debord, ele considera a importância da mídia, percebendo essa politização como fenômeno da pós modernidade, diferentemente desse autor que pensa a sociedade moderna como alienada e espetacular. Já o texto de Courtine (2003) é utilizado de forma complementar, em grande parte de suas citações, abordando a temática da política através da proposta desse autor.

### **Referências**

DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.